

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS



SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO.

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa.

Redacção e Administração:

Director e Editor — Antonino Dias de Castro

Composição e Impressão:

L. Franco Castelo Branco, 30.

Tip. Minerva Vimaranense.

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»:

A Direcção da Sociedade Martins Sarmiento roga a V. ... a fineza de dar publicidade, no próximo número do seu conceituado semanário, ao seguinte esclarecimento, que esperamos será o último, sobre o assunto versado.

Não deve esta Direcção alimentar discussões públicas que possam desprestigiá-la, atingindo conseqüentemente os créditos da Instituição que representa. Mas deve aos seus consócios e ao público em geral o esclarecimento de certas afirmações que podem deixar dúvidas sobre a correcção e a boa orientação dos seus actos, no desempenho da missão que lhe foi confiada. E a maneira de a Direcção esclarecer o público é relatar, de um modo tam breve e claro quanto possível, toda a questão que motivou o ataque de que, ultimamente, tem sido alvo na imprensa.

Quando a actual Direcção tomou conta da espinhosa gerência da Sociedade Martins Sarmiento, encontrou, à espera de resolução, alguns assuntos de capital importância, entre os quais o da instalação e regular funcionamento do Arquivo Municipal de Guimarães. A criação do Arquivo era, de há muito, uma aspiração da Sociedade. Cabem à illustre Direcção anterior à actual as honras de ter conseguido essa criação. A Sociedade Martins Sarmiento obteve a publicação da parte do D. 19.952, que confiava à sua exclusiva guarda e direcção, sem encargo algum para o Estado, o Arquivo Municipal. A Sociedade reunia, conservava, catalogava e facultaria oportunamente à consulta pública o Arquivo, propriedade do Estado, instalado em dependências daquela e sem o mínimo encargo para o mesmo Estado, dando apenas conta dos seus actos a uma entidade — a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos. Note-se que isto era tanto mais lógico, quanto é certo, já há bastante anos, estava confiado à guarda e direcção da Sociedade o núcleo fundamental e mais valioso do Arquivo agora criado, constituído pelos documentos da extinta Colégia de Guimarães.

Porém, sem conhecimento nem assentimento prévio da Direcção da Sociedade, em breve tempo era publicado um novo decreto (n.º 20.577), tirando-lhe a direcção do Arquivo, e, por nomeação posterior, entregando-a ao sr. Dr. Alfredo Pimenta e dando-lhe poderes para se corresponder directamente com a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos, ficando desta forma este sr. inteiramente liberto da Sociedade. Criou-se assim uma situação irregular: — a Sociedade, uma instituição independente do Estado, que vive dos seus rendimentos próprios, embora também subsidiada pelo Município, tendo dentro da sua própria Casa e confiado à sua guarda, responsabilidade e encargos um Arquivo do Estado, e a mandar no mesmo Arquivo, sem lhe dar sa-

tisfações dos seus actos, um funcionário do Estado, — o sr. Dr. Pimenta. Era um poder dentro de outro e a colidir com outro. Era a origem inevitável de divergências futuras e atritos de toda a ordem.

Foi esta a situação criada, que a actual Direcção veio encontrar, quando entrou no exercício das suas funções. Tornava-se pois necessário restabelecer a natural hierarquia e pôr as coisas no seu lugar. E o pensamento, aliás transigente, da Direcção era este:

O sr. Dr. Alfredo Pimenta continuaria director do Arquivo, já que o Estado não quiz manter a letra do primitivo decreto que delegava na Sociedade a nomeação do director que entendesse, mas a Sociedade seria entidade competente e bastante para corresponder-se com a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos. A Sociedade não interferiria imediatamente na parte técnica da organização do Arquivo, mas apenas na sua orientação geral, limitando-se a transmitir ao funcionário as ordens ou directivas que recebesse da Inspeção Geral. Isto em nada deprimiria o funcionário do Arquivo e ficavam, para futuro, ressalvadas as conveniências e o prestígio de uma Instituição considerada pelo Estado de utilidade pública, que tam desinteressadamente se prontificara a organizar e tomar sobre si todos os encargos do mesmo Arquivo. Excedia esta forma de funcionamento as atribuições legais da Sociedade? — Não era da competência da Direcção discutir este ponto, mas sim dos respectivos poderes com autoridade jurídica e legislativa. Ao interesse da Sociedade Martins Sarmiento só convinha ou o estabelecido no primitivo Decreto 19.952, ou o imediato, modificado no sentido indicado. Como organismo autónomo do Estado tinha autoridade para propor o que queria. Ao Estado, por intermédio do Ex.º Ministro da Instrução, competia, por sua vez, aceitar ou não o que a Sociedade proponha. Mas o sr. funcionário do Arquivo obsteu a que assim se fizesse; e o conflito actual em que, com desgosto e antipatia, a Direcção da Sociedade se vê envolvida teve causa remota, como vamos ver, na irreduzibilidade em que este sr. se colocou, perante as sensatas e justas razões que o Presidente da Direcção da Sociedade, particularmente, fez chegar ao seu conhecimento.

Note-se que a Direcção anterior discordava, como a actual, deste estado de coisas (o que pode provar-se facilmente pela correspondência arquivada), mas, como estava para terminar o seu mandato, nada resolveu e deixou a solução do caso entregue à nova Direcção.

Ainda na intenção conciliatória de limar arestas vivas, o actual Presidente da Direcção, que não tem relações pessoais com o sr. Dr. Alfredo Pimenta, encarregou o sr. Rodrigo Pimenta (irmão do funcionário do Arquivo e, pela actual Direcção, nomeado bibliotecário da Sociedade) de, particularmente, se entender com seu

irmão e lhe comunicar qual era o pensamento da Sociedade, a propósito do Arquivo, a fim de que, quando o assunto fôsse versado oficialmente entre a Direcção da Sociedade e as entidades competentes, já as coisas estivessem encaminhadas de forma a não surgirem empecilhos e divergências irreduzíveis.

Decorre algum tempo, e o sr. Rodrigo Pimenta entrega pessoalmente ao Presidente da Sociedade *meia folha* de papel de carta, sem qualquer assinatura ou iniciais, mas que lhe disse escrita por seu irmão, a qual abria assim: «Para o ex.º Sr. Presidente da Sociedade de Martins Sarmiento», e seguia-se-lhe um arrazoado onde o referido funcionário impunha o seu ponto de vista, colocando-o, por assim dizer, fora de toda a discussão.

O Presidente da Sociedade levou, na primeira reunião, ao conhecimento da Direcção o papel avulso recebido, e, autorizado por esta, novamente insistiu com o sr. Rodrigo Pimenta, para que interferisse como mediano junto do funcionário do Arquivo, a fim de que ele aceitasse aquilo de que, tam razoavelmente e sem quaisquer intuítos reservados, lhe era dado conhecimento particular. Passam-se tempos e novo papel solto «para o ex.º Presidente da Sociedade de Martins Sarmiento», a quem o funcionário do Arquivo não dava sequer as honras protocolares de uma folha inteira de papel de carta. Ao cabeçalho seguia-se um articulado, no qual o sr. Dr. Alfredo Pimenta dizia, em suma, que a sua maneira de actuar era a melhor; que, se não fôsse a sua intervenção, o Arquivo não passaria dos estereis artigos do «Diário do Governo»; que fez tudo para fixar o Arquivo em Guimarães; etc.; e, finalmente, que lhe dissessem concretamente se podia solicitar do Ministro a alteração do Decreto, passando os encargos do Arquivo para a Câmara Municipal, e desligando-o, portanto, da Sociedade. E rubricava — A. P.

Resolveu então o Presidente da Direcção pôr termo à continuação de articulados desta natureza, entregando ao sr. Rodrigo Pimenta, para esclarecimento do funcionário do Arquivo, um memorandum, talvez um pouco brusco e sacudido, mas absolutamente fundamentado e verdadeiro, que concluía do seguinte modo:

- As instituições estão acima dos indivíduos. É um princípio de hierarquia e disciplina social. Por isso a Sociedade Martins Sarmiento não poderá aceitar a doutrina de, pelo menos, parte do Decreto 20.577. Mas, além disso,
- O Decreto 20.577 colide com o anterior (Decreto 19.952) e contraria as disposições testamentárias de Martins Sarmiento.

Este esclarecimento escrito foi prestado, não pela Direcção, mas pelo seu Presidente, particularmente, visto que particularmente se estavam a definir critérios,

sendo intermediário o sr. Rodrigo Pimenta. De outra forma não podia, evidentemente, ser elucido o funcionário do Arquivo, no pé em que estava a questão, e até por este sr. não ser entidade oficial suficiente para o resolver. Todavia um assunto *particular*, desta natureza, não era positivamente um assunto *individual*, pois que, fora das suas funções de Presidente da Sociedade, nada movia nem podia mover o sr. Capitão Mário Cardozo a esclarecer o funcionário do Arquivo sobre o caso em divergência. O Presidente retorquia, particularmente, é certo, mas dentro das suas atribuições, a um papel que, na sua qualidade de Presidente, lhe fôra enviado pelo funcionário sr. Dr. Alfredo Pimenta, embora de um modo irregular. A Direcção podia estar, como estava, solidária com a doutrina expandida nesse memorandum, sem contudo ter interferido directamente nos termos ou na maneira, extra oficial, como ele foi redigido. Eis, em toda a simplicidade e clareza, a questão que o sr. Dr. Pimenta só tem, até hoje, procurado complicar.

¿E surgiu, então, o conflito? — Publicamente, ostensivamente, ainda não. O sr. Dr. Pimenta enviou à Direcção da Sociedade dois *ofícios* (?), em termos inconvenientes (que deveriam ter sido logo devolvidos à procedência, mas que, todavia, se conservam ainda na correspondência da Sociedade), e nêles pedia e insistia pela sua demissão de sócio. Ao primeiro respondeu a Sociedade, estando nessa altura ausente do País o Presidente, dizendo que nenhuma atitude ou procedimento *oficial* tinha tomado a Direcção, que justificasse o pedido de demissão do sr. Dr. Alfredo Pimenta. De facto, nenhum procedimento oficial tinha havido, pois também nunca em termos oficiais o funcionário do Arquivo se aproximara desta Direcção, que na sua nota tinha pôsto, evidentemente, uma intenção conciliatória. Mas o sr. Dr. Pimenta não quiz interpretar como devia a nota recebida.

Posta a questão neste pé irreduzível, a Direcção da Sociedade, para encurtar razões e dar solução rápida ao caso, avistou-se com o Ex.º Presidente da Câmara, que neste assunto interveio sempre com um louvável espírito de isenção e uma larga intenção de congruar, pedindo a Sua Ex.ª que propuzesse, como entidade competente que era, ao sr. Ministro da Instrução a passagem do Arquivo para a superintendência do Município. Assim se fez. Mas o Arquivo continuaria instalado em dependências da Sociedade, comprometendo-se a Câmara a pagar uma renda verbalmente estipulada. A Direcção da Sociedade chegou a apresentar à Câmara as cláusulas em que, no seu entender, deveria assentar, entre as duas entidades, o respectivo contrato de arrendamento, que eram, nem mais nem menos, as triviais em qualquer documento desta natureza, onde o proprietário procura sempre, como é natural, acautelar os seus

direitos e interesses. Sem a cláusula que restringia o uso do prédio ao fim exclusivo da instalação do Arquivo, poderia, amanhã, outra Comissão Administrativa resolver instalar ali, não evidentemente o que ocorreu ao espírito do sr. Dr. Alfredo Pimenta, mas, por exemplo — a aferição de pesos e medidas, ou qualquer outra repartição camarária, em desarmonia com o fim expresso para o qual Martins Sarmiento legou o prédio à Sociedade. ¿Onde se viram arrendamentos sem condições?

Não pôde, todavia, efectuar-se este contrato, simplesmente porque uma obrigação resultante da liquidação da herança da Viúva Sarmiento tirava à Sociedade as vantagens de ordem material que poderiam resultar do arrendamento do prédio de que a Sociedade dispunha.

E o Arquivo Municipal de Guimarães abandonou então, definitivamente, a Sociedade Martins Sarmiento, que com tanto carinho trabalhou sempre para a sua criação e instalação!

¿Parece que ficaria assim morta a questão, a contento do sr. Dr. Pimenta? Longe disso. O conflito surgiu, a bem dizer, nesta altura, com a publicação pelo sr. Dr. Alfredo Pimenta dos artigos de «A Voz», e posteriormente, de «O Commercio de Guimarães» e deste jornal, que são do conhecimento público.

Em contraposição desses artigos tem, por seu lado, a Sociedade procurado elucidar sempre o público com coerência, comedimento e serenidade. O sr. Dr. Pimenta pretendia atingir a Direcção da Sociedade, e especialmente o seu Presidente, que ele afirma trazer «a reboque» toda a Direcção, quando é certo que, dentro da Sociedade, cada Director pensa pela sua cabeça, e todos os assuntos são pesados e discutidos, sem que ninguém imponha aos outros, irreduzivelmente, a sua opinião ou vontade. Aqui dentro não se usam êsses processos autoritários.

Mas, afinal, o sr. Dr. Pimenta falhou o alvo. O que ele tem ferido é o prestígio de uma instituição tam querida dos vimaranenses, e numa ocasião em que todos deviam acarinhá-la mais. Por isso à opinião pública repugnaram absolutamente as palavras e os processos do sr. Dr. Pimenta.

No intuito claro de estabelecer a divisão e a discordância no seio da própria Sociedade, continuará por certo o sr. Dr. Alfredo Pimenta a contradizer-se, insistindo em que o conflito não é com a Direcção, mas só com o Presidente. É inútil. Os escarcenamentos aqui prestados ao público, sendo da responsabilidade de toda a Direcção, são-no, implicitamente, do seu Presidente. E a Direcção da Sociedade que, no seu conjunto, tem sido também insofismavelmente visada pelas injustas arguições do sr. Dr. Pimenta, está, como deve, inteiramente ao lado do seu Presidente, na responsabilidade dos actos por este praticados no exercício do seu cargo, como legítimo re-

«Não conheço o grupo de Guimarães, mas no fim do desafio fui abraçar o guarda-redes. Admirei-o, e muito gostaria de o vêr no meu grupo, o Futebol Club do Pôrto».

Assim se expressava, à mesa de um Restaurante, da Póvoa de Varzim, no domingo passado, um desconhecido, referindo-se ao «Vitória Sport Club» desta cidade.

Não pudemos deixar de lhe dizer, quando nos retirávamos, que as suas palavras ditas a um outro desconhecido, calaram fundo no nosso coração: eramos vimaranense.

A Praça do Peixe continua a funcionar ali mesmo no coração da cidade.

Junto ao edifício do Banco Ultramarino faz-se diariamente, e às primeiras horas da manhã, o descarregamento das sardinhas...

Por este caminho, não tardará muito que as *vivinhas* sejam postas à venda, mais adiante um pouco, em torno da estátua do Fundador...

Depois, as activas sardinheiras estendem-se ali pela Rua de Paio Galvão, na frente do majestoso edifício da Sociedade de Martins Sarmento, impossibilitando o trânsito público.

Um regalo!
«Vivinha..., vivinha da Póvoa... E' da ramalhuda...»

O Gil Vicente chegou para nós, esta semana.

Apresentou sonoro e registou numerosa assistência.

«A Severa», «Um Príncipe que nunca amou» e «O Papá das pernas altas», fôram os fono-filmes exibidos.

Por aquilo é que nós não esperávamos.

E' claro que o aparelho já está cançado e não satisfaz por completo. Todavia já é sonoro. Já é, não; já foi, porque acabou.

Dizem-nos que volta a aparecer em Novembro. Será verdade?

Comunica-nos o nosso solícito correspondente em S. Martinho do Conde de que alguns senhores proprietários dali têm deitado nas videiras um líquido que muito deve prejudicar a saúde pública.

Esta atitude, segundo a mesma informação, tem por fim obstar a que o povo faça a colheita antes do tempo...

E' justo e lógico que os senhores proprietários defendam os seus interesses e procurem por isso afastar os *vindimadores*, mas é necessário que não prejudiquem a saúde pública.

A quem de direito pedimos providências.

Em Briteiros tem sido assaltadas, ultimamente, as casas de vários proprietários, motivo porque, segundo nos informam, anda alarmada a gente da pacata freguesia.

Pediram a assinatura do *Notícias de Guimarães*, os srs.: Joaquim Pacheco Guimarães, do Rio de Janeiro, João da Silva Nicolau, de Tagilde, Vizela e Dr. Manuel Dias de Araújo, de S. Martinho do Conde.

Os nossos agradecimentos.

presentante e mandatário da mesma Direcção.

Estão dadas ao público, e só por atenção para com o público, as necessárias explicações. O resto (porque tudo o mais anda à volta disto...) é conhecido de todos, e não merece duas linhas de comentário.

Guimarães, 28 de Setembro de 1932.

A Direcção da S. M. S.

Curiosidade Educação Física

Ao Luís Filipe Coelho.

*Naquela tarde, você,
Cheia de curiosidade,
Fez-me (sei lá para quê!)
Preguntas em quantidade...*

*Inquirições de algibeira,
De estaca, breves, assim:
— Quem foi Nun' Alvares Pereira?
Egas Moniz? Bernardim?*

*Virgílio? Camões? Platão?
— O que é o Mundo? a Vida? o Sol?
O Mar? a Lua? o Trovão?
O Vesúvio? o Futebol?*

*A Greta? a Pola Negri?
O Polo Norte? Hollywood?...
E a tudo lhe respondi,
Direitinho, como pude...*

*Ante as respostas, sorria...
(A tarde já declinava...)
E quanto mais inquiria,
Tanto mais eu a informava.*

*Por fim, com graça e decôro
(O fim é sempre o melhor!)
Encerrou com chave de ouro,
Preguntando: — O que é o Amor?*

*Sem jeitos, olhei o Céu.
Você, atenta, risonha...
Compus o lenço, o chapéu...
Não respondi, com vergonha!*

LEÃO MARTINS.

Coisas que eu penso

Junto do Mar

To E. C.

O mar ao longe é meu coração a sangrar, reflecte o vermelho pálido do horizonte e volta a enlutar-se. A espuma acinzentada-se e a sombra, com reflexos de esmeralda, vai descendo. Ao longe as vagas de fogo vão se apagando no céu longínquo. Na dor do crepúsculo o mar fica quieto e choroso. As sombras serenas desfazem-se levemente enquanto a lua lhes põe fosforescências lívidas e frias. Aqui sentado sobre a areia a olhar o mar que mansamente desfaç a espuma com um ruído de confidência tímida, sinto que no pensamento passam sombras amadas e queridas, fico esquecido, tomado da tristeza que nos dá o esquecimento. Mas ainda me lembro, quando as águas se tornam verdes, de que meus olhos verdes da cor do mar perdi o meu olhar e então o mar fica quieto e triste. Enquanto a agonia vem baixando eu rezo: Avé-Maria... Avé-Maria... e o dia vai a esmorecer. O mar também chora de tristeza. Lembro os olhos do meu amor e a sonhar melancolicamente beijo-os docemente. Desceu a noite a cobrir a minha dor e vejo adormecer levemente os olhos do meu Amor.

A' Beira-Mar, 14 de Setembro.

Francisco Martins da Costa (Aldão).

Arcebispo de Braga

A morte do sr. Arcebispo de Braga foi muito sentida nos meios católicos, tendo sido expedidos para o Paço muitos telegramas de condolências. Também várias pessoas fôram a Braga apresentar pezares.

Amanhã, diversos sacerdotes e outras entidades vão assistir ao funeral do venerando Prelado.

Os sinos das tôrres têm dobrado, todos os dias, a finados, e nos edifícios das agremiações católicas, Câmara Municipal, etc., estão as bandeiras, colocadas a meia haste.

Educação Física

VI

A notícia publicada neste jornal, protestando — com toda a razão — contra a utilização do tanque da Rua 31 de Janeiro como piscina, sugeriu-me a ideia de fazer a seguinte pergunta: — Porque se não construi uma piscina em Guimarães?

Numa cidade como esta, afamada pelo núcleo de capitalistas abastados, que na realidade contém, não seria para estranhar que surgisse uma empresa abalanchando-se a tão esplêndida obra.

E' deveras lamentável que em Guimarães — que possui do rio unicamente a ponte — se veja forçado quem deseje dar umas brachadas, a deslocar-se uns quilómetros do seu centro, para encontrar, mesmo assim, locais que por bastantes razões estão muito aquém da segurança e comodidade de uma piscina.

Segundo me informaram, a casa da Rua de S. Dâmaso, ultimamente adquirida pela Câmara Municipal, tem anexo um óptimo recinto com bastante água encaçada.

No caso da Câmara, tendo em conta o grande benefício que prestava à Terra, facilitar tanto quanto possível a obra em vista, julgo que era um lugar a aproveitar.

Mas porque não há-de ser a própria Câmara, embora coadjuvada por uma subscrição cidadina, a autora desse melhoramento?

A construção não fica demasiado dispendiosa e o rendimento — embora não acreditem — estou convencido de que seria relativamente compensador.

Todavia, nestas questões de educação física, não deve haver a preocupação dos lucros monetários, mas sim do benefício traduzido no aperfeiçoamento do corpo e na saúde, que todos concordam valer mais que dinheiro.

Crie-se, pois, este espírito e cada um proporcionalmente às suas posses, auxílie essa obra que, tendo como finalidade o desenvolvimento físico e conseqüentemente a saúde, deve ser acolhida com simpatia e entusiasmo por todos aqueles que amam os seus, desejam o bem do seu semelhante e o progresso da sua Terra.

Guimarães, Setembro de 1932.

J. M.

DESUMANIDADE!

Extinção de cães

E' deveras lamentável a forma bárbara e desumana, como em Guimarães se faz a extinção destes pobres animais.

Não é admissível que em pleno século XX, e numa terra que tem foros de civilizada, ainda se exterminem os cães por meio de envenenamento.

Estes espectáculos degradantes com que a cada passo se depara, envergonham-nos e colocam mal os nossos sentimentos humanitários.

Ainda na passada quarta-feira, um desses infelizes animais exibiu, durante longo tempo, a sua agonia cruciante pelas ruas da cidade, indo morrer, em convulsões atrozes, à Rua do Gravador Molarinho. Assistiram, a este acto canibalêsco, muitas crianças que, a seu modo, comentavam a sorte do pobre rafeiro.

E' preciso que de uma vêz para sempre se acabe com estes tristes espectáculos.

Pelo visto, de nada tem valido os protestos da Sociedade Protectora dos Animais, nem a campanha altruísta da imprensa, há tempos levada a efeito.

Urge que quem de direito providencie neste sentido. Exige-o o decôro da cidade e exige-o o sentimento humanitário que deve ser apanágio de uma sociedade de bem.

Faça-se um canil — e nem tam dispendioso êle fica — onde os animais possam morrer mais hu-

Galeria Feminina

Folheando as páginas da nossa literatura patenteiam-se nos poesias onde esvoaça a asa do génio e perpassam lampejos de talento, numa profusão que deslumbra e estonteia, espelhando a amorosidade idílica do nosso povo e as cenas bucólicas da nossa terra.

E', indubitavelmente, a nossa literatura a mais brilhante e a mais copiosa em poesias sentimentais e doces, reflexo da meiguice das nossas mulheres e amenidade do nosso clima, em que as vocações poéticas não se manifestam com a mediocridade banal dum trovador rasteiro, nem com a palidez de uma noite luarenta, mas com as refulgências dum sol estival. Mas, se os poetas abundam, já o mesmo não sucede com os conceitos que as suas poesias encerram, quasi sempre confinadas a um âmbito restrito, o coração da mulher, focado em todas as tonalidades da sua complexa gama de sentimentos. Nas melhores produções a mulher pontifica irradiando amor e beleza, surgindo ante os olhos da nossa imaginação aureolada dum esplendor quasi divino. Camões, o nosso maior poeta, idealiza-a colocada num pedestal bem alto, para que a efervescência dos rancores que separam os homens não vá poluir a fimbria do seu manto de candura e pureza.

Somos um povo de poetas sentimentais e amorosos, com a necessidade irresistível de fitarmos a vida humana pela sua faceta optimista. Um fundo vago de naturalismo, misturado a um leve misticismo de coração — eis o nosso temperamento; um belo céu azul e uma mulher bonita e meiga — eis a síntese dos nossos desejos mais ardentes.

Podíamos continuar dissertando sobre este tema, mas era já alhearmos-nos da directrix que vamos procurar imprimir aos nossos escritos. Isto chega para servir de preâmbulo e justificação ao lirismo de que a «Galeria Feminina» vai ser impregnada. Nesta época prosaica que decorre, em que o espírito agoniza sob o domínio impudente da matéria, é-se talvez apodado de pegas por vir falar de mulheres. Mas, como diz o escritor Sr. Dr. Eduardo de Almeida, «a mulher é a arte real da vida. O nosso encanto na luta, o nosso conforto na desgraça. A luz da nossa mocidade e o carinho da nossa velhice. Tem a beleza da carne e o sentimento profundo da bondade. Não podemos viver sem o seu coração. Sejamos leais e seremos honestos».

As donzelas da nossa terra desfilarão na «Galeria Feminina», como à luz da ribalta num tablado cujo cenário é a paisagem da nossa Guimarães, nimbadas dos predicados que exornam as suas almas e ao mesmo tempo com o realce da sua beleza física.

H. A.

manamente, e sem nos oferecer o espectáculo estúpido e conflagrador da sua agonia.

A' Sociedade Protectora dos Animais pedimos para novamente lançar mão deste assunto, podendo, desde já, contar com o nosso incondicional apoio para tal fim.

BELGATOUR.

IMPRESSA

Recebemos a visita do nosso prezado colega «A Província», semanário regionalista que se publica em Moura.

Vamos permutar.

— O número 30 deste nosso colega é dedicado às festas da Vila, inserindo, além de muitos anúncios, uma variada e brilhante colaboração dispersa em 22 páginas.

Leão Martins, o mavioso poeta do «Musa Vil», de «As Carapuças» e do «Lá diz o ditado», vimaranense que toda a nossa terra conhece, accedendo ao nosso convite, inicia hoje, nestas colunas, a sua brilhante e apreciada colaboração.

Abraçando-o efusivamente, daqui lhe pedimos nos desculpe por não podermos apresentar a sua interessante produção no lugar que lhe é devido.

Os eicérones que por aí andam, todos os dias, a acompanhar os nossos visitantes, só envergonham Guimarães.

Vestidos andrajosamente, sem educação nem instrução nenhuma, só estão habilitados a transportar malas e... nada mais.

Para brio da nossa terra seria conveniente demiti-los do lugar que andam exercendo a acompanhar turistas inteligentes e viajados.

Môços de fretes, só, sim. Cicero-nes, não!

Por motivo do mau tempo, as festas da Póvoa ficaram adiadas para hoje e amanhã.

As caminhetas preparam-se para um constante vai-vem.

A nossa «Marcha», a «Marcha» que Guimarães iniciou há bons vinte e seis anos, vai imitar-se ali, amanhã, uma vez mais.

Está a ser substituído por pedra, aquele tóscico barracão de madeira da Rua de Donâis.

Folgamos com o melhoramento, embora êle tenha vindo um pouco tarde. Ainda assim, mais vale tarde que nunca...

O que nós esperamos é que, dentro da cidade, não mais seja permitida a construção de tais *arranha-céus*.

Procedendo-se, há dias, à eleição da mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Guia, verificou-se o seguinte resultado: Juiz, Antonino Dias de Castro; Secretário, Simão Costa; Tesoureiro, Manuel da Cunha Machado; Procurador, Manuel Calisto; Vogais, António Marques Pereira, António Araújo e Tomás Fernandes.

Foi bastante concorrida a tradicional romaria de S. Mateus, realizada no último domingo, na freguesia de Gonça, deste concelho. Houve, além das solenidades religiosas com procissão, um animado arraial.

Recebemos mais um fascículo da Revista «Gil Vicente», com os números 7 e 8, do segundo volume, cujo sumário é o seguinte:

«Dom Manuel II» — Um grande livro, por Carlos da Gama; *A Sombra de Herculano*, por Fernando Campos; *Da defesa e conceito de propriedade*, por António de Sousa Machado; *Velharias Vimaranenses (1832)*, por João Lopes de Faria; *Dos Livros & dos Autores: — Sonho azul, Feminismo e Feministas, Medicina popular minhota*, por Horácio de Castro Guimarães.

Ainda não pudemos ver as instalações do *Café Sport*, mas sabemos contudo, que estão de modo a satisfazerem as pessoas mais exigentes, que as há cá na terra, louvado Deus.

Não está ainda marcada a data da abertura, mas dizem-nos que será dentro em muito breve.

Comitê, o conhecido ilusionista, esteve entre nós realizando dois espectáculos no «Gil Vicente». A assistência que não correspondeu, pois foi muito limitada, aplaudiu o hábil artista.

Este número foi visado pela Com. de Censura.

Crónica Desportiva

O «Vitória», desta cidade, empata com o «Sporting» da Póvoa de Varzim por 0 a 0.

No último domingo, o «Vitória Sport Club» desta cidade, deslocou-se à linda praia — Póvoa de Varzim — para jogar com o «Sporting» daquela vila, no Estádio Gomes de Amorim, que é reputado o melhor do Norte.

Campo mal tratado e duas centenas de pessoas como espectadores.

O primeiro grupo a entrar em campo foi o «Vitória» que se apresentou com a seguinte linha: Adélio; Paredes e Benjamim; Maneca, Constantino e Mário; Camilo, António Almeida, António Freitas, António e Francisco.

O grupo poveense apareceu três minutos depois e constituído pelos seguintes elementos: João Laranjo; Costa Novo e Oscar; António Pinheiro, José Graça e Braz; Néné, Paludo, Adriano, Alberto e Calheiros.

A arbitragem é entregue ao sr. António da Costa Novo.

1.º TEMPO

Escolhidos os campos, coube a saída ao «Sporting» pelas 16 e 35. Ligeiro domínio do «Vitória» que se ressentia da relva, prejudicando o trabalho da sua asa direita. Três minutos decorridos, o «Sporting» aproxima-se da rede vimaranense, e a uma entrada de Paredes, que escorregou e apanhou com a bola no peito, o árbitro marca um *penalty* que dá origem a protestos e a uma interrupção do jogo. Explicações, berraria, e o árbitro abandona o campo, sendo substituído pelo sr. José Domingos de Oliveira.

Recomeçado o jogo às 16 e 50, procede-se à marcação do *penalty* que não é aproveitado.

Salva de palmas aos poveenses. Aliado o campo, desenrola-se o jogo a meio, é marcada uma pequena penalidade ao «Sporting», que desarma e executa uma descida perfeita até junto das redes vimaranenses, descida inutilizada, não sem que seja aplicada uma pequena penalidade ao «Vitória». Jogo à boca das redes vimaranenses, confusão, e um *corner* marcado a Guimarães, às 16 e 53. Duas descidas no campo da Póvoa, a reacção do «Sporting» e duas defesas de Adélio, guarda-redes vimaranense. Um *corner* contra o «Vitória», que Paredes transforma em novo *corner* e que Constantino alivia. Domínio dos poveenses, e o jogo tem alternativas, trabalhando Adélio, havendo uma passagem má à ponta direita vimaranense, e uma descida ao campo de Guimarães que resulta em outro *corner*, aliviado de cabeça por Paredes. Um remate alto da ponta direita da Póvoa, e uma descida ao campo do «Sporting» que ensaia por duas vezes a aproximação das redes vimaranenses, intervindo Adélio com uma defesa a sóco.

O «Vitória» reage, notando-se contudo maior serenidade nos poveenses. Uma mão de Constantino que inutiliza uma avançada de Guimarães, pela marcação de uma pequena penalidade. Jogo indeciso. Uma pequena penalidade contra a Póvoa. Um bom centro de Chico que é rematada alto pela meia direita vimaranense. Uma descida da Póvoa que Benjamim inutiliza. A asa direita do «Vitória» movimentada e a uma intercepção dos poveenses, são assinaladas uma mão de Constantino e outra de Mário. Uma descida ao campo do «Sporting», pela asa esquerda, marcação de um *corner* que João Laranjo defende. As redes poveenses são assediadas, mas sem resultado. Uma descida ao campo vimaranense, duas bolas fora, jogo a meio campo e um *off-side* da meia direita vimaranense. Uma fuga de Camilo, resulta num *corner* contra a Póvoa. Duas descidas aos campos contendedores e sucessivamente as defesas de Laranjo e Adélio. O árbitro dá sinal para o intervalo.

2.º TEMPO

Saída de Guimarães, às 17 e 50. Uma descida ao campo do «Vitória» e uma defesa mal parada de Adélio. Jogo concentrado no campo vimaranense. Uma mão contra a Póvoa que o árbitro não regista. Uma descida ao campo do «Sporting» que vai fora. Às 17 e 55 é marcado um *corner* aos poveenses. Domínio destes, que se esforçam por enviar o esférico às redes do «Vitória», mas que Benjamim defende enviando a bola para *corner*. Meia fuga de Camilo, e novo *corner* marcado aos vimaranenses. Uma saída inoportuna de Adélio, que Paredes defende. Descida dos poveenses, que Benjamim inutiliza. Absoluto domínio do «Sporting». Às 18 e 2, mais um *corner* contra Guimarães motivado por uma entrada de Mário. Descida dos verdes e brancos pela sua asa direita. Às 18 e 5, regista-se um *corner* contra Guimarães. Duas pequenas penalidades marcadas aos vimaranenses, sendo uma delas motivada por um pinhão da ponta esquerda poveira. Às 18 e 10, marcação de um *penalty* a Guimarães, que Adélio defende. Descida ao campo do «Sporting» que é transformada em pequena penalidade contra Guimarães. Domínio ligeiro do «Vitória» e duas bolas fora. Reacção dos verdes e brancos, que Paredes inutiliza. Alternativas de jogo em que o «Vitória» mantém o seu domínio. Paredes e Benjamim inutilizam duas avançadas dos poveiros. Uma passagem de Constantino a Adélio, que alivia. Um mergulho de Adélio, que envia para *corner*. Marcado este, foi de fendido, com recarga que Mário salva de cabeça. Uma descida dos vimaranenses, prejudicada por uma mão de Chico. O «Sporting» tenta a aproximação às redes, remate largo, que Adélio defende. Desci-

E C O S D A S E M A N A

5 de Outubro

Comemorando a histórica data de 5 de Outubro, S. Ex.^a o sr. Administrador do Concelho entregou-nos a quantia de 50\$00, para distribuímos pelos pobres protegidos pelo «Notícias de Guimarães».

Em nome dos contemplados, cuja relação daremos no próximo número, apresentamos a S. Ex.^a os nossos agradecimentos.

—Comemorando o aniversário da implantação da República, na próxima quarta-feira haverá feriado nas Repartições públicas e os quartéis da G. N. R. e P. S. P. conservar-se-hão expostos.

Durante o dia haverá várias demonstrações festivas.

Hora de inverno

Ontem, à meia-noite, os relógios atrazaram sessenta minutos, ficando assim estabelecida a chamada hora de inverno.

Falecimentos

António Augusto de Almeida Ferreira

Quasi repentinamente faleceu, na manhã de terça-feira, o antigo e conceituado negociante local sr. António Augusto de Almeida Ferreira, pai do nosso amigo e prezado colaborador sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior, e da esposa do sr. Camilo de Menezes Areias, e tio dos nossos amigos srs. José e Francisco da Costa Magalhães, Adolfo e Mário de Almeida Ferreira.

O extinto, que contava 74 anos de idade, era muito estimado no nosso meio, pelas suas excelentes qualidades, motivo porque a sua morte foi muito sentida.

O seu funeral realizou-se na passada quinta-feira, às 11 horas, no templo da Misericórdia e foi muito concorrido por pessoas das relações do finado e de sua família.

Entre a assistência viam-se as casas de caridade vimaranense, a Mesa da Irmandade da Misericórdia, etc., etc.

Findos os responsos, foi o cadáver, que se achava num luxuoso féretro de veludo, conduzido, com numeroso acompanhamento, ao cemitério d'Atouguia, onde ficou depositado em jazigo de família.

A tóda a família enlutada, e de um modo especial ao sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior, envia o «Notícias de Guimarães» sentidos pezames.

D. Maria da Guia Dias Pereira

Aos estragos de uma terrível enfermidade, que há vinte dias lhe vinha minando a existência, faleceu, após cruciantes sofrimentos, a sr.^a D. Maria da Guia Dias Pereira, esposa do sr. Manuel

Dias Pereira, antigo e estimado funcionário dos caminhos de ferro, e mãe dos nossos amigos srs. Anibal Dias Pereira, activo sócio da firma Dias & Carvalho, Altino, Umberto e Ernesto Dias Pereira e da sr.^a D. Maria Alice Dias Pereira, e irmã do sr. Joaquim de Oliveira Machado.

A extinta contava 52 anos de idade, possuindo excelentes qualidades que a tornavam muito estimada, motivo porque a sua morte a todos entristeceu.

O seu funeral realizou-se ontem, perante numerosa e selecta assistência, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, tendo sido o cadáver trasladado, após os officios, com numeroso acompanhamento, para o cemitério Municipal.

Fechou o caixão o sr. Luís António Pereira.

A família enlutada envia o «Notícias de Guimarães» sentidas condolências.

—Em sufrágio da alma da sr.^a D. Maria da Guia Dias Pereira, foi-nos entregue, pela família doída, a quantia de 30\$00 para os nossos pobres.

No próximo número daremos os nomes dos contemplados.

Manuel da Silva

S. Martinho do Conde, 20. — Aos estragos de uma pertinaz doença, faleceu o sr. Manuel da Silva, dedicado amigo desta freguesia, que exercia actualmente e com muita competência o lugar de presidente da junta.

Embora esperado já, o seu passamento causou profunda consternação.

Era pai do sr. Joaquim da Silva, sógro dos srs. Manuel Caetano, João Coelho, José Ferreira e Júlio Ferreira, cunhado do sr. António Machado e das esposas dos srs. Joaquim Pacheco, Manuel Pacheco e Domingos Francisco Guimarães e tio dos laureados académicos srs. Jerónimo e Manuel da Silva Guimarães.

O seu funeral constituiu uma grandiosa manifestação de pesar.

A toda a família enlutada enviamos condolências. — C.

Colégio do Sagrado Coração de Maria

E' já elevado o número de crianças matriculadas neste novo e importante Colégio, que se encontra instalado no Palacete de Vila Pouca.

Muitas famílias, segundo nos informam, vêm residir para Guimarães, afim de estarem perto das suas crianças.

Desta cidade eleva-se a algumas dezenas o número de meninas matriculadas para frequentarem aquele modelar estabelecimento de ensino.

da ao campo dos verdes e brancos, a natural reacção, e novo *penalty* marcado a Guimarães, às 18 e 25, que Adélio defende bem. Manifestações da assistência, premiando o trabalho do guarda-redes vimaranense, que tem mais uma defesa brilhante no final do tempo, que o árbitro já se esquecia de contar.

—A arbitragem pouco conhecedora e parcial.

UM ESPECTADOR.

Agradecimento

Laura Pereira de Castro Costa, Maria Luísa Mendes Silva Costa Guimarães e António da Costa Guimarães, viúva, nora e filho do sempre saudoso Alvaro da Costa Guimarães, julgam ter agradecido a todas as pessoas e colectividades que se dignaram cumprimentá-los e dirigir-lhes sentidas condolências no transe amaríssimo e doloroso que pas-

saram; às que assistiram aos officios de corpo presente, celebrados na igreja de S. Francisco, no dia 27 de Agosto p. p., e acompanharam à última jazida o cadáver do pranteado finado.

Não obstante o nosso agradecimento individual, todavia, poder-se-á ter dado qualquer falta involuntária, procurando por este meio repará-la, e significar-lhes tóda a nossa consideração e gratidão.

Igualmente agradecem a tódas as pessoas que assistiram à missa do 30.º dia, celebrada na mesma igreja.

A todos testemunham o seu inesquecível reconhecimento e a mais sincera amizade.

Guimarães, Casa de Laços, 26 de Setembro de 1932.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo sr. Domingos Mendes Fernandes.

Aniversários

Passaram na segunda e quinta-feira os aniversários natalícios, respectivamente, da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Joaquina Pinto de Castro e Dr. Mário Dias de Castro, mãe e irmão do nosso Director.

Mons. João Ribeiro

Fez anos, no passado dia 28, o Rev.^{mo} Arcipreste do concelho Mons. João Ribeiro, a quem felicitamos.

Casamento

No templo da Penha realizou-se há dias o enlace matrimonial da Sr.^a D. Rosa Couto Loureiro da Silva, distinta Chefe da Estação Telégrafo-Postal do Pevidem, com o sr. Joaquim de Sousa Cunha, inteligente professor oficial de S. Romão do Corgo.

O acto foi celebrado pelo rev. Artur Fernandes Guimarães, Pároco de S. Cristóvão de Selho e amigo da família da noiva, que proferiu uma brilhante alocução alusiva ao acto.

A missa foi celebrada pelo rev. António Teixeira de Carvalho, que lançou as absolvições aos noivos.

Ao novo par desejamos muitas felicidades.

José de Pina

Ficou novamente adiado para o próximo Domingo o almoço de homenagem ao respeitável Vimaranense sr. José Luís de Pina.

Manuel S. Martins

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado colega de «O Jornal Lusitano», sr. Manuel José da Silva e Martins, que tem estado em Guimarães na organização de uma página regionalista.

Desastre

Na madrugada de segunda-feira, voltou-se, no lugar de Brito, a caminheta «Chevrolet» n.º 11308 que, procedente de Mondim de Basto, seguia para Espozende, conduzindo o sr. Manuel Augusto Ferreira, escrivão de Direito naquela comarca, e sua família.

O veiculo, que era guiado pelo motorista sr. Amândio dos Santos, ficou muito danificado, não tendo havido, felizmente, desastres pessoais a registar.

«O Notícias de Guimarães», é o jornal de maior expansão no concelho

CASA

Compra-se nas ruas: da República, 31 de Janeiro, Paio Galvão, ou Largo Prior do Crato. Falar no «Salão Cristal».

Cadela de coelho

Desapareceu uma com 7 meses, malhada, que dá pelo nome de «Vera».

Gratifica-se quem descobrir o seu paradeiro.

Procede-se a todo o tempo contra quem a retiver.

Para esclarecimentos, falar nesta redacção.

Parteira Diplomada

Olinda de Oliveira Ribeiro

Largo Prior do Crato, 107

GUIMARÃES

Anotando factos...

DIVAGANDO

(Retardado)

Na transacta semana fomos em digressão até à risonha praia da Póvoa de Varzim, «para matar saudades», segundo a expressão do nosso bom povinho.

O veiculo que nos levou, até alturas de Famalicão dir-se-ia que ainda dormitava, isto é, que não tinha bem acordado do sono da noite.

Aí, depois de beber alguma água, adquiriu forças até então ocultas e não mais caminhou: — voou.

Chegamos à Póvoa quando o Sol há muito reflectia os seus raios quentes e luminosos nas mansas águas do mar; lindas se-reias, de corpos brancos e sedutores, mergulhavam-nos, talvez para não acordar desejos; barcos minúsculos, como conchas, flu-tuavam ao longe, prestes a desapparecer.

Como é lindo e encantador, aquele quadro policromo!

Logo, rente a nós, um bando de pequenas crianças passa: são os internados da Oficina de S. José.

Passam-se mais alguns momentos e nova fila de miúdos: são os pequeninos à guarda da Creche da V. O. T. de S. Francisco.

Aqueles ares, aquele sol, aquelas águas, são o bálsamo para os seus males herdados.

O dia decorre sereno, tranquilo, só de momento a momento musicado pela canção das águas beijando as gigantescas penedias que a mão de Deus semeou no mar, para ceifar vidas e quebrar tesoires!

E as horas vão decorrendo, sem notarmos o seu avanço constante. A noite, ia-se aproximando. Um nevoeiro, denso, vai subindo ao ar.

Um café quente, que nos foi servido, convida-nos a ir até ao Teatro Garret, vêr o filme «Parada do Amor».

Lindo filme, sem dúvida alguma, como aqui, infelizmente, não nos é dado vêr, visto não existir nesta cidade um aparelho de sonorização.

Meia hora; a noite está quente; um sussurro constante chega até aos nossos ouvidos.

Vultos, rentes a nós, passam rápidos; a noite avança: 4 horas. Uma gargalhada ecóia. Reconhecemo-la, porque é para nós inconfundível.

Uma cama fôfa, convida-nos a repouso o corpo por alguns momentos. Somos um desconhecido, não demos indicações. Alugamo-la porque o sono aperta.

Uma *feiticeira* alugamos também, para nos acordar, em antes do sol romper. «Sr. Fulano, sr. Fulano: são horas». Acordamos.

Mais tarde pensamos como é que aquela *feiticeira* conseguira saber o nosso nome. E um indício encontramos na nossa carteira. Uma recordação que nos faltava e que há poucas horas ainda possuíamos...

SILENCIOSO.

Nota officiosa

Caducando em 31 de Dezembro próximo futuro tódas as licenças policiaes para funcionamento de tabernas, cafés, botequins, casas de pasto, pensões, restaurantes, hospedarias, hotéis, etc., prevenim-se os interessados, e, muito especialmente, os que vinham exercendo a sua indústria em estabelecimentos mixtos (mercearia e vinhos) de que as novas licenças só serão concedidas, cumpridos que sejam os preceitos legais, mantendo-se em vigor as disposições do Edital da autoridade administrativa, de 8 de Abril do corrente ano, referente a estabelecimentos mixtos.

E para que não possa alegar-se prejuizos e situações dificeis, deve a Associação dos Revendedores de Vinho a Retalho, entender-se com a Associação Commercial, sôbre o assunto e com a antecipaçao devida.

Guimarães, 29 de Setembro de 1932.

O Administrador do Concelho,

João Gomes de Abreu de Lima.

Casa «Atlas»

GUIMARÃIS

Proprietário — Joaquim Veloso de Araújo.

É nesta casa que V. Ex.^{as} encontram o maior e mais completo sortido em calçado Mecânico «Atlas» e Manual, para Homem, Senhora e Criança.

Completo sortido em meias, peúgas, bonés, chapéus, gravatas, silenciosos para Homem e Senhora, luvas, etc., etc.

Tudo a preços de concorrência.

Aproveitem também a ocasião de comprar bem e barato, nos grandes saldos que esta casa efectua durante alguns meses.

O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

Torrefação primorosa.

Moído electricamente.

DEPOSITÁRIOS:

Freitas & Genro

70, Praça D. Af. Henriques, 74

— TODAS AS PESSOAS DE BOM GOSTO O PREFEREM. —

Casa Salgado

12, Rua 31 de Janeiro, 24

GUIMARÃIS

Os seus proprietários participam aos Ex.^{mos} Clientes, amigos e ao público em geral, que teem um novo e variado sortido em fazendas brancas e miudezas, e estão sempre a receber artigos de novidade, que vendem aos melhores preços.

— Agradecem uma visita no seu próprio interesse.

A SOCIAL

Agência e Pôsto de Socorros:

HENRIQUE GOMES

Farmacêutico - GUIMARÃIS

As maiores vantagens

nos

seguros contra

DESASTRES NO TRABALHO

Restaurante «Arcádia»

Uma das melhores e mais bem montadas casas da especialidade.

Almoços, Chás e Jantares. Serviço de mesa redonda ou à carta. Serviços especiais para Banquetes, Baptizados, Casamentos e Soirées. Executam-se fôdas as encomendas neste género. — Sempre bons mariscos.

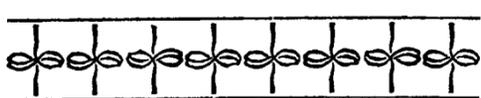
12, Largo do Trovador, 13 - GUIMARÃIS.

Frequentar o «Arcádia» é uma prova de bom-tom!

CASA PIMENTA

33 RUA 31 DE JANEIRO 37

TELEFONE, 180



Alberto Pimenta Machado

As mais recentes novidades em lanifícios nacionais e estrangeiros.

Colossal sortido em casemiras de Coimbra.

Grande saldo de voails de lã pelo preço dos tecidos de algodão.

Querem economisar dinheiro?

Consultem os preços desta casa!

Colégio Lousadense

(PARA O SEXO FEMININO)

Rua 31 de Janeiro

LOUSADA

CORPO DOCENTE ESCOLHIDO. — ÓTIMO LOCAL. — EDUCAÇÃO COMPLETA.

CURSO DOS LICEUS.

Directora — Palmira de Melo Meireles.

Casa HIGH-LIFE

FILIAL de

Benjamim de Matos & C.^a L.^{da}

MODAS E MIUDEZAS

Gamisaria, Gravataria, Luvaria. Todos os artigos para bordar.

Sempre novidades em tecidos de Lã, fantasia e sêdas diversas.

Sortido variado. Preços reduzidos. Vendas só a dinheiro.

130, Praça D. Afonso Henriques, 132 — 1, Rua 31 de Janeiro, 7

TELEFONE, 230

GUIMARÃIS

Casa Rebelo

117, P. D. Af. Henriques, 118

GUIMARÃIS

Grande sortido em tecidos finos para a ESTAÇÃO DE VERÃO.

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA.

VISITEM ESTA CASA.